

A HIPERSEXUALIZAÇÃO DE CORPOS NEGROS: O CONTO “AFRODISÍACO”, DE CRISTIANE SOBRAL E A IMAGEM PUBLICITÁRIA DA “DEVASSA”

Eveling Cauani Morais de Lima¹

Thiago Carneiro da Silva²

Virna Carneiro da Silva Nepomoceno³

Resumo

Este trabalho é parte do projeto proposto pelo Grupo de Estudo em Gênero e Feminismos (GEGEF) do Instituto Federal da Bahia. Tem como objetivo analisar o conto “Afrodisíaco”, de Cristiane Sobral, publicado no livro Tapete Voador, em 2016, além disso, pretende analisar a campanha publicitária da cerveja Devassa, veiculada no período de 2010 e 2011, fabricada pela empresa Brasil Kirin. Utilizou-se a perspectiva teórica feminista interseccional para abordar questões da objetificação e sexualização dos corpos negros, assim como, para ressaltar suas relações e como produzem efeitos na construção do imaginário social sobre pessoas negras. Isto posto, o conto funciona como uma forma de “denúncia” que reflete a sexualização do corpo do homem negro, enquanto a imagem publicitária reforça um estereótipo acerca da sexualização do corpo da mulher negra.

Palavras-chave: Conto. Publicidade. Hipersexualização de Corpos Negros. Teoria Interseccional.

Considerações iniciais

Mesmo após o século da abolição da escravatura no Brasil, mulheres e homens negros continuam sofrendo o racismo a respeito de seus corpos. Atualmente, esses processos de abusos e explorações se dão de diferentes formas, das anteriormente abolidas. Pessoas negras lidam com negativas em relação a sua capacidade intelectual, a supervalorização de sua força física e também com a hipersexualização de seus corpos.

¹ Mestranda em Administração pela Universidad de la Empresa (UDE); graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB-IX; graduada em Administração pelo Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB). E-mail: cauani-@hotmail.com.

² Graduando em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB-IX. E-mail: th.carneiro13@gmail.com.

³ Graduanda em Pedagogia pela UNEB-IX. E-mail: virnanepomoceno@gmail.com.

Apesar de a onda feminista surgir na década de 60, as mulheres negras não se valeram de todos os direitos, se apropriando de apenas alguns deles, sendo, portanto, deixadas de lado, ainda que fossem mulheres. Necessitou assim, que surgisse uma nova onda feminista que as incluísse e visibilizasse suas dificuldades e especificidades enquanto mulheres negras.

As obras analisadas neste trabalho têm como objetivo expor alguns desses acintes sofridos, dando voz ao espaço da mulher e do homem negro. No conto analisado, o homem negro é o destaque, ao abordar os abusos sexuais sofridos e a hipersexualização dos seus corpos que “tudo aguenta”, “tudo pode”, “tudo é permitido”. Já na campanha publicitária, a mulher negra é que toma o destaque ao ser transformada em um produto e posta a comercialização em conjunto a cerveja vendida.

Para realizar discussões teóricas sobre o povo negro, foram apresentadas as abordagens da teoria Feminista Interseccional, sendo utilizadas as seguintes teóricas: Akotirene (2019), Carneiro (2003), Collins (2009) e Gonzalez (1988). Portanto, este trabalho tem como objetivo realizar uma discussão acerca dessa exposição e sexualização do corpo negro à luz do feminismo interseccional.

1 Análise

1.1 A autora

Cristiane Sobral, nascida e criada no Rio de Janeiro no ano de 1974, estudou teatro no SESC do Rio e se formou em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília-UnB. É escritora, atriz, poeta e dramaturga. Autora de diversos livros e outras produções, dentre eles a obra teatral “Uma boneca no lixo”, escrita em 1998 e vencedora do prêmio de montagem no Governo do Distrito Federal. Também recebeu o prêmio do Ministério da Saúde pela produção da “Dra. Sida”, também para o teatro. Além disso, publicou diversos livros, de poesia, contos e crônicas. Sua obra mais conhecida é “Não Vou Mais Lavar os Pratos”, um livro de poesia, publicado pela Editora Thesaurus.

Em entrevista concedida ao canal “Tirando de Letra” da UnBTV, no Youtube, Cristiane Sobral fala sobre suas obras, e descreve que as mulheres ainda estão em um lugar de subalternidade no Brasil, por isso, ao escrevê-las e criar seus personagens, mesmo que em alguns livros não possuam características físicas definidas no texto, como é o caso do poema

“Não vou mais lavar os pratos”, deixa transparecer no contexto dos textos que está falando, principalmente, sobre a mulher negra. Para ela, a visão dessa mulher, subalternizada e à margem da sociedade, é criada pelo racismo estrutural que ainda é presente no cotidiano brasileiro.

No livro, *O Tapete Voador*, escrito em 2016, Cristiane, que se posiciona enquanto mulher-negra-militante, apresenta seu olhar sobre a vida negra. As 20 histórias contadas possuem como temática central a vida do povo negro e falam abertamente sobre vivências que apenas pessoas negras passam, como o racismo no ambiente de trabalho, a cultura do embranquecimento – sentida desde a remota infância –, o poder da aceitação do eu desde o cabelo, a cor da pele, a solidão do homem e da mulher negra, assim como a hipersexualização desses corpos.

1.2 A obra: conto “Afrodisíaco”

O conto “Afrodisíaco” faz parte da coletânea de contos do livro “O tapete voador”. A história, no conto “Afrodisíaco”, primeiramente se passa na casa de um dos personagens principais, uma mulher rica chamada Celeste, em outros momentos se passa na casa de outras mulheres, também ricas, mas que não são nomeadas, e em quartos de motel e hotel.

O tempo desenvolvido na obra é o cronológico, sendo a passagem do tempo mediada pelas falas dos personagens. O contexto em que a história se dá é proveniente de uma tensão na vida das personagens mulheres de classe média alta, insatisfeitas com a vida de casada e falta de afeto por parte dos cônjuges, principalmente, pela falta de sexo em seus relacionamentos, buscam uma vida sexual extraconjugal. Sendo que, o conto narra à história dessa vida sexual, dando ênfase, sobretudo, na utilização de serviços sexuais contratados de um homem negro por essas mulheres.

Na história, Celeste, uma mulher de meia idade que, neste período da vida, buscava um alívio aos seus problemas de saúde, resolve procurar nos classificados do jornal um método que melhorasse sua qualidade de vida. Durante a leitura do jornal, ela encontra um anúncio escrito “afrodisíaco” que, segundo este, cura qualquer problema de saúde em uma semana. O anúncio promete aumentar a disposição e alegria de viver. Celeste então, marca a consulta e vai ao encontro do tal “remédio” Afrodisíaco.

Após a primeira “consulta”, Celeste torna-se cliente permanente. Vendo sua vida mudar em pouco tempo, sempre procurava tomar seu “remédio”, chegando até a repetir as “doses”. A mudança de vida começa então a ser percebida pelas amigas, que começam a ficarem curiosas por saber qual era esse tal medicamento, mas Celeste se recusava a dizer ou então fazia indicações falsas. Certo dia, uma dessas amigas tenta suicídio, Celeste então faz uma “caridade” à amiga e liga emergencialmente para o “afrodisíaco”. Este, tenta não aceitar esse atendimento de emergência, mas acaba cedendo e assim ganha mais uma cliente para sua agenda que já é tão lotada.

Mais sedutoras, radiantes e reavivadas, as duas amigas acabam por incluir mais duas amigas no grupo. Juntas fazem uma proposta para o cobiçado afrodisíaco em criar uma “cooperativa”. Para ter toda a exclusividade, cada uma seria responsável por bancar luxos e gastos do afrodisíaco. Um mês depois do contrato, há um imprevisto para as quatro mulheres, mas logo o problema é resolvido. Em meio a toda situação, há uma grande infelicidade envolvendo o poderoso afrodisíaco, tudo por buscar satisfazer os prazeres das quatro clientes.

As relações de dominação e subordinação podem ser reescritas na sociedade de outra forma, no conto Afrodisíaco, a condição de subordinação do homem negro atual, não se dá pela retirada da liberdade, nem pela posição de escravo nas senzalas, mas acontece pela condição de prostituição em que é colocado, tornando-se novamente um objeto. No que se refere às condições de trabalho é possível dizer que, agora é um trabalho livre, no entanto precário. Essa característica reflete semelhanças com a escravidão, pois, a precariedade era um fator preponderante no exercício do trabalho de pessoas negras, além disso, permanece o imaginário do “não lugar”⁴ de pessoas negras.

Entende-se que os homens são privilegiados, pois as mulheres, foram historicamente colocadas em posições subordinadas, sobretudo, em sociedades patriarcais, no entanto, no que tange as masculinidades negras, não se aborda, essa questão, do ponto de vista da masculinidade hegemônica (o homem branco, heterossexual, rico e ocidental), porque é apresentado aos homens que por serem negros, são marginalizados e/ou subordinados (de forma velada e muitas vezes escancaradas), tendo sua raça sobreposta a sua masculinidade e condição de classe. (CONNELL, 1997; 2000 apud CONRADO E RIBEIRO, 2017).

⁴ Isso não quer dizer que o povo negro não produzia saberes, mas é sobre esses conhecimentos serem apagados ou colocados em segundo plano, já que os saberes europeus eram (e ainda são) considerados em primeiro plano, conhecido como “eurocentrismo”.

Para Connell (1997; 2000 apud Conrado e Ribeiro, 2017) os homens são permeados por processos de formação de masculinidade, ou seja, não são formados por grupos de pessoas. Portanto, aqueles que são formados dentro de processo de masculinidade, possuem privilégios em relação às mulheres, pois, a partir dos dividendos patriarcais remanescentes de outras épocas, e da própria construção da sociedade, possuem uma “dita subordinação” por parte das mulheres. Ainda para a autora, essas masculinidades hegemônicas, criadas com base em um padrão eurocentrado, ou seja, se sobrepõem as masculinidades marginalizadas, identificáveis entre os negros, gays, não brancos, transgêneros; Logo, as masculinidades não devem ser compreendidas como identidades ou formações fixas, imutáveis, sendo, portanto, constructos políticos, baseados em padrões de gênero, mas que são atravessados por questões de raça e classe.

1.3 A imagem publicitária

A publicidade se utiliza de mecanismos de linguagem para manipular e persuadir o seu público, logo, emprega textos e imagens que os manipulem e que gerem identificação a fim de que este público se conecte e se projete na imagem ou no texto veiculado, esses meios “contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e agir, em que acreditar o que temer e desejar – e o que não.” (KELLNER, 2001, p. 10).

Figura 1: Propaganda publicitária da cerveja Devassa.



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1352152-propaganda-da-cerveja-devassa-e-considerada-abusiva-e-pode-ser-multada-em-r-6-milhoes.shtml>. Acesso em: 15 de outubro de 2020.

Na propaganda apresentada, a imagem da mulher negra é utilizada para fazer uma associação entre a representação do seu corpo e a cerveja preta. Essa relação se faz a partir das qualidades e prazeres que ambas podem proporcionar.

Com o texto principal “é pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra”, a publicidade remete o olhar do público tanto para o reconhecimento do estilo “Dark Ale” da cerveja - que só por visualizar o objeto teria conhecimento sobre a qualidade do produto-, quanto para o corpo da mulher negra. Nesse sentido, os elementos trazidos na representação da cerveja como o estilo “Dark Ale”, o corpo da cerveja escuro, a cremosidade, o aroma de malte torrado se expressam nos detalhes da imagem da mulher negra, no seu corpo semivestido, curvas, olhar, posição e etc., que agregados e tendo equiparação ao sexo, conduzem ao receptor a ideia de que ambos proporcionam prazer, assim, o produto de consumo não seria apenas a cerveja.

Como é discutido por Hasenbalg (1982, p. 107), “na medida em que a publicidade opera segundo a linha de menor resistência e que sua função é vender produtos ao maior número possível de pessoas e não mudar estereótipos, a expectativa inicial é que ela tende a

reproduzir as manifestações de racismo presentes na cultura”. Nessa perspectiva, todos os elementos que compõe a publicidade sustentam a visão eurocêntrica sobre os corpos femininos negros no que tange a hipersexualização e objetificação.

2 Interseccionalidade

Movimentos acadêmicos que procuram estudar sobre o pensamento intelectual e as vivências das pessoas negras têm se destacado nas últimas décadas. Após longos séculos de silenciamento, as pessoas negras começam a pesquisar sobre suas próprias constituições enquanto sujeitos, a partir de teorias que visam refletir sobre suas vivências, lutas, dificuldades e o contínuo descaso ao seu corpo. Surge, portanto, a partir dos anos 80, teorias que procuram dar instrumentalidade teórico-metodológica para discussões que envolvem mulheres e homens negros, sendo algumas delas, decolonialidades, colorismo, interseccionalidade, entre outras. Tendo como principais autores Frantz Fanon, Milton Santos, Lélia Gonzalez, bell hooks⁵, Sueli Carneiro, e muitos outros, que contribuíram grandemente para a construção destas teorias.

O movimento negro, por mais que abordasse a causa negra, centrou-se por muito tempo no homem negro, conquanto, mulheres negras continuavam não sendo contempladas por esse movimento, assim como pela abordagem feminista, considerada branca e cisgênero. Gonzalez (1988, p. 134) aponta que:

É inegável que o feminismo como teoria e prática tem desempenhado um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas perguntas, não só estimulou a formação de grupos e redes, mas desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher. Ao centralizar sua análise em torno do conceito de capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista), evidenciou as bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres, o que constitui uma contribuição de crucial importância para o encaminhamento de nossas lutas como movimento.

Entretanto, Gonzalez (1988, p.134) enfatiza que para além das questões de gênero, deve-se incluir outro grande marcador discriminatório, que é o de caráter racial. Por conseguinte, conseguiria explicar também sobre as mulheres amefricanas, negras e indígenas.

⁵ Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, que além de homenagear sua bisavó, Bell Blair Hooks, optou pelas letras minúsculas, afirmando que a sua pessoa seria quem menos importasse diante suas ideias.

Foi então, a partir desses esquecimentos, silenciamentos, apagamentos e da falta de discussão, que se deu o movimento Interseccional. Como é explicado por Akotirene (2019, p. 38-39), tanto as pautas do movimento negro, quanto às leis antirracistas, e os primeiros movimentos feministas-cis, negam e/ou ignoram “(...) o marcador de gênero informante da opressão, acentuando as experiências de opressões feminizadas.” Contribuindo acerca da discussão, Carneiro (2003, p. 118) discorre sobre o enegrecimento do feminismo:

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais.

A teoria Interseccional procura abarcar todas as questões que envolvem a mulher negra, mas não só. Procura abranger também conceitos de raça, classe, nação, gênero, identidades, opressões, etc. Esta teoria procura descolonizar as perspectivas hegemônicas construídas de um sujeito para todos, permitindo agora que os sujeitos falem de si por si próprios, ou seja, descolonizando os dizeres e os pensares que foram construídos para eles. Pois, como é apontado por Akotirene (2019, p. 15), “[...] neocolonizadores acadêmicos não podem abocanhar a interseccionalidade e nem sequer têm autoridade para dominar o ponto de vista feminista negro”.

Para Collins (2009, p. 21) a Interseccionalidade consiste em:

[...] formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças.

Dessa maneira, o conceito que fundamenta a interseccionalidade se constrói a partir da teoria crítica da raça (AKOTIRENE, 2019). Ainda nessa perspectiva, há uma concepção baseada nos pilares da intersecção de gênero, raça e classe, sendo que, são essas, as condições estruturais para a formação do racismo, sexismos e violências ao povo negro.

3 Hipersexualização de corpos negros

A história do negro no Brasil é marcada por processos de desumanização, exploração e subalternidade dos corpos negros. A colonização do Brasil aconteceu a partir de diversos fatores, mas os que marcam (fisicamente e simbolicamente) o povo negro e os povos indígenas, são: a escravização, o trabalho precário, a necropolítica e o estupro. Isso perdurou durante todo o período escravocrata, e ainda sobrevive, se revitalizando constantemente, a fim de perpetuar posicionamentos segregadores. Atualmente, a hipersexualização acontece e não de forma muito diferente. Agora, porém, acompanhada de novas engrenagens que perpetuam o racismo.

Em um movimento diaspórico, a identidade se constitui com diversos marcadores sociais que revelam além do pertencimento a grupos específicos e uma noção das diversas violências direcionadas a esses grupos. Essas experiências diaspóricas são, também, experiências nas quais os sujeitos vivenciam o gênero, o patriarcado, a racialização e a dominação colonial como experiências corporais (BRAH, 2006 apud CORADO e RIBEIRO, 2017). Nesse sentido, a experiência corporal de pessoas negras é importante para entender uma articulação histórica de hipersexualização desses corpos. Ao ponto de serem vistos apenas como objeto de uso e passíveis de descarte. Reafirmando o racismo e desconsiderando a humanidade de pessoas negras.

Numa perspectiva do binarismo social, são construídos imaginários de mulheres e homens negros. As mulheres negras são consideradas selvagens, suportando violências durante os atos sexuais (isso é muito discutido, sobretudo, em relação aos partos de mulheres negras, que eram submetidas a partos sem anestesia, pois eram tidas como fortes), durante a escravidão eram estupradas, outras vezes eram pressionadas a fazer sexo com homens brancos pela cultura do embranquecimento, ou como forma de sobrevivência. Essas violências acontecem com mulheres indígenas, também, como é apontado por Stavenhagen.

O clima de liberalismo e exploração sexual de negra (o) e, em menor escala, índias (o) favorecia o desejo dos idosos e dos jovens. Muitas vezes sucedia que justamente aqueles senhores mais rigorosos com os filhos e, especialmente, com as filhas e esposas, eram que davam mais mostra de ímpeto de dominação sexual sobre as 'carnes negras'. (STAVENHAGEN, 1973 apud FREITAS, 2011, p. 64)

Ainda nessa perspectiva, Carneiro (2011, p. 66) destaca que “[...] o intercuro sexual entre brancos, indígenas, e negros seria o principal indicativo de nossa tolerância racial, argumento que omite o estupro colonial praticado pelo colonizador sobre mulheres negras e indígenas”.

Partindo do pressuposto de abuso do corpo da mulher negra, os homens negros também sofrem desse atravessamento pela hipersexualização, como é o exemplo da representação do “negão”, em que o homem é posto como fisicamente bem dotado, e com uma enorme capacidade sexual, tornando-se, dessa forma, uma ameaça ao homem branco. Segundo De Souza (2014 apud SOUZA, 1998) na visão do homem branco, o homem negro possuía um apetite sexual irrefreável, o que seria irresistível para a mulher branca.

Ao abordar as questões sobre masculinidades negras, Silva (2002 apud DOS SANTOS, 2014) afirma que, muitos dos estereótipos discriminatórios e racistas sobre o homem negro têm suas origens no tráfico humano que era realizado pelos árabes sobre a população negra antes dos processos de colonização. Segundo ele, eram reforçados,

[...] estereótipos a partir dos quais se construiria toda uma ideologia racista: os pretos eram curtos de inteligência, indolentes, canibais, idolatras e supersticiosos por natureza, só podendo ascender à plena humanidade pelo aprendizado da escravidão. (SILVA, 2002 p. 850).

O que acontece é que, a partir dessa ideia trazida pelos árabes, os estereótipos perpetuaram-se pela Europa e foram sendo justificados, também, a partir da crença cristã da Maldição de Cã. Nessa história, Cã, filho de Noé, era amaldiçoado por seu pai a se tornar servidor dos seus irmãos, devendo viver em Gomorra, a cidade das sexualidades malditas, e, uma vez lá, por ser uma terra fortemente iluminada pelo sol, queimava sua pele tornando-se negro, tendo então seu castigo (PRIORE; VENÂNCIO, 2004 apud DOS SANTOS, 2014).

De acordo com Fialho, Medrado e Perea (2006; 2014; 2004), é necessário repensar as construções sociais dos homens negros para além do “falocentrismo”⁶, procurando enxergar também suas vidas reais, e não estigmatizá-los baseados apenas em seus órgãos sexuais.

⁶ É a ideia de superioridade masculina.

[...] esse tipo de registro (falocentrismo) desconsidera a existência de diferentes configurações da prática de gênero, ocultando a existência de masculinidades que não se percebem a partir da virilidade e da truculência e que assumem fragilidades e vulnerabilidades, mesmo que vivenciam privilégios e micro benefícios oriundos do sexismo (FIALHO, 2006; MEDRADO, 2014; PEREA, 2004).

Para Collins (2009, p. 100 apud Conrado e Ribeiro, 2017) a hipersexualização é frequentemente atribuída aos homens negros, o que refletiria crenças que traduziriam seu apetite sexual como excessivo.

Por exemplo, a hipermasculinidade frequentemente atribuída aos homens negros reflete crenças sobre o seu apetite sexual excessivo. Ironicamente, o apetite sexual excessivo de Jezebel a masculiniza porque seu desejo sexual é exatamente como o desejo de um homem [...] Em um contexto onde as mulheres femininas são aquelas que permanecem submissas, mesmo que apropriadamente em uma paquera com os homens, mulheres cuja agressão sexual se assemelha a dos homens se tornam estigmatizadas.

Outro exemplo muito marcante da hipersexualização desses corpos é o carnaval, pois mulheres negras geralmente não aparecem na mídia, e quando ocorre estão alocadas em profissões desvalorizadas, em posições de subalternidade ou sexualizando seus corpos. O que por sua vez, mostra diversas interpretações de que o corpo está disponível, para serem usados e descartados.

Nesse sentido, os corpos dos homens brancos e negros foram construídos sobre uma ideia da virilidade e da agressividade, esses são fatores que marcam a constituição da “masculinidade tóxica”, além disso, há uma construção imaginária do corpo do homem negro, a partir da sexualização, o que permite vários atravessamentos e consequências a esses homens negros que pretendem, também, serem amados.

4 Resultados e discussões

Nessa análise, percebe-se a produção de significados que produzem uma relação entre o conto e a imagem publicitária, pois, estão as duas obras artísticas produzindo um significado formulado sobre a hipersexualização dos corpos negros. Não são produções com objetivos iguais, o conto é escrito numa perspectiva de mostrar como os corpos negros são objetificados, formando uma espécie de “denúncia”, e propõe uma visão sobre como os

mecanismos do racismo afetam as pessoas negras (corpo e mente), já na imagem publicitária há uma proposta de fortalecer e (re) produzir a hiperssexualização, com muita objetividade, inclusive.

No conto, o homem negro é vítima de diversas formas de violências físicas e simbólicas, isso reflete como o racismo ao relacionar-se com um processo de sexualização e objetificação do corpo de homens negros é demarcado, principalmente, pela construção do imaginário popular sobre o tamanho do pênis. É um imaginário pertinente que constrói o corpo do homem negro como o capaz de saciar os desejos sexuais, mas que não é considerado como homem para ter um relacionamento sentimental. Aqui, é possível ver objetivamente a associação entre raça, gênero, sexo e a sexualidade do homem. Isso gera também frustrações masculinas quanto ao pertencimento étnico e ausência de identidade física e viril com este imaginário.

Na imagem, a mulher é posta no sentido explícito de sexualização, construindo uma imagem de que a cerveja Devassa é boa e que vem acompanhada dessa mulher negra, isso não é algo exclusivo dessa cerveja, é muito comum nas publicidades de bebidas alcoólicas associarem mulheres à bebida. Porém, enquanto na maioria das publicidades são colocadas mulheres brancas, com corpos padronizados, nessa publicidade específica, é possível haver uma interpretação de que tenham colocado uma mulher negra a fim de diminuir a falta de representatividade, no entanto, constrói uma marcação estereotipada da mulher negra (de pele clara), passível de ser desejada; colocando a mulher em posição apenas sexual. As obras se relacionam nesse ponto, revelando que esses corpos negros existem apenas para atender aos prazeres sexuais.

Durante o longo período de escravidão no Brasil, muitas pessoas negras e povos indígenas se viram obrigados a terem relações sexuais tanto com pessoas brancas, com fins de embranquecimento e inclusão social, quanto com pessoas do seu próprio povo, neste caso, tanto com fins puramente comerciais, de gerar uma nova prole que substituiria os pais nos trabalhos na lavoura e na casa grande, etc. Desta forma, quanto mais filhos essas mulheres tivessem, mais escravos esses homens brancos teriam e poderiam comercializar.

Mesmo após décadas da abolição da escravatura, esses homens e mulheres continuam sofrendo pela imagem criada e revitalizada a respeito de seus corpos. As mulheres negras, frequentemente chamadas de mulatas e morenas, são sexualizadas, seja em campanhas

publicitárias, em novelas, ou no carnaval, nas mais diversas plataformas da sociedade, são consideradas objetos de prazer a serem dominados. Os homens, no entanto, sofrem de outra forma, apesar de também serem considerados objetos sexuais e de desejo pela cor da pele, neste caso são considerados como o corpo dominante. Sendo reafirmado em todos os campos de que possuem uma força e virilidade superior aos demais homens brancos, suportando dores maiores, cargas mais pesadas, e sendo tratados como pessoas ignorantes e rudes pela sociedade.

Infere-se, portanto, que há um movimento entre essas teorias que se relacionam e produzem significados através das obras selecionadas. Essa significação está, sobretudo, relacionada à hipersexualização de pessoas negras, o que põe essas pessoas como não merecedoras de amor, como objetos que podem ser usados sexualmente, porque o projeto de colonização ainda está acontecendo. Dessa forma, neste texto, pensa-se a colonização como um projeto em longo prazo, ou seja, há uma contínua atualização dos mecanismos de colonização, a invasão dos portugueses nas terras brasileiras e a escravização dos povos negros e indígenas são apenas marcadores históricos que refletem a sociedade contemporânea. Portanto, o racismo não acabou, apenas se reconfigurou em novas modelagens, e manteve no Brasil um entendimento histórico, de que as pessoas negras estão ali apenas com o intuito de servir, de todas as formas possíveis.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** São Paulo: Editora Pólen Livros. 2019.
- BRAH, Avtar. “**Diferença, diversidade, diferenciação**”. Cadernos Pagu, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, 2003.
- _____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, p. 66-69, 2011.
- COLLINS, Patricia. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2009.

CONNELL, Raewyn. **The Men and The Boys**. California: University of California Press, 2000.

_____. **La Organización Social de La Masculinidad**. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Orgs.). *Masculinidad/es, Poder y Crisis*. Chile: Flacso, 1997. p. 31-48.

CORADO, Mônica e RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. **Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate**. Estudos feministas, Florianópolis: 2017.

DE SOUZA, Rolf Ribeiro. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, 2014.

DOS SANTOS, Daniel. **Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica**. Universitas Humanas, v. 11, n. 1, 2014.

FREITAS, M. de A. **O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje**. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória e Cultura, v. 5, n. 9, p. 63-68, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/1577/2710>. Acesso em: 07/01/2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HASENBALG, Carlos. O negro na publicidade. In _____. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 103-113.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Editora: Malê. 2016.

STAVENHAGEN, R. **Sept thèses erronées sur L'Amérique Latine ou comment décoloniser les sciences humaines**, Paris: Anthropos, 1973.

UnBTV. **UnBTV Entrevista: Literatura negra com Cristiane Sobral**. 2017. (10m21s). Disponível em: [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=fiO4aGhzGK0](https://www.youtube.com/watch?v=fiO4aGhzGK0). Acesso em: 12 de novembro de 2020.